

---

**O BLACK POWER DE AKIN:  
O TEXTO VERBAL E VISUAL NA CONSTRUÇÃO  
DE UM NOVO DISCURSO SOBRE A IDENTIDADE NEGRA**  
*O Black Power de Akin: the verbal and visual text*  
in the construction of a new discourse on black identity

Maria Fernanda Silva Dias<sup>1</sup>  
Érica Fernandes Alves<sup>2</sup>

**RESUMO:** As ilustrações podem ter a função fundamental de expandir os modos de leitura, porém, podem ser fator limitador da visão de mundo do leitor ao apresentar imagens que reforçam estereótipos e promovem um discurso preconceituoso. Ao analisarmos a representação de personagens negras nos livros infantis, observamos um padrão na caracterização desses sujeitos, geralmente retratados em posições de inferioridade em relação ao branco. A utilização de estereótipos dentro da Literatura, seja por meio do texto verbal ou visual, perpetua um discurso errôneo sobre o negro e impede que crianças se vejam representadas de forma positiva. Nesse sentido, o trabalho analisa a obra *O black power de Akin* (2020b), da escritora afro-brasileira Kiusam de Oliveira, com ilustração e projeto gráfico de Rodrigo Andrade, a fim de discutir como a representação das personagens negras e da cultura são explicitadas de forma positiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ilustração; Personagens negras; Livro infantil.

**ABSTRACT:** Illustrations can have a fundamental role in expanding reading modes, however, they can be a limiting factor in the reader's worldview by presenting images that reinforce stereotypes and promote a prejudiced discourse. When analyzing black characters' representations in children's books, we found out a pattern in their characterization, usually portrayed in positions of inferiority in relation to whites. The use of stereotypes within Literature, whether through verbal or visual texts, perpetuates a problematic discourse about black people and prevents children from seeing themselves represented in a positive way. Thus, this article analyzes the children's book *O black power de Akin* (2020b), written by Afro-Brazilian Kiusam de Oliveira, with illustration and graphic design by Rodrigo Andrade, in order to discuss how black characters and culture representations are depicted in a positive way.

**KEYWORDS:** Illustration; Black characters, Children's book.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e Mestra pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) no programa de pós-graduação em Letras.

<sup>2</sup> Professora adjunta da graduação e da Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá - UEM

## INTRODUÇÃO

As identidades sendo plurais e não unificadas (HALL, 2006) são constituídas de diferentes formas e sofrem diversas influências. Além disso, elas são produzidas dentro de um discurso e “em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2014, p. 109). Assim, esse discurso que contribui para a formação de uma identidade não é inocente e desprezioso, uma vez que é próprio de seu mecanismo a configuração que favorece uma identidade sobre outra. Considerando as discussões étnico-raciais, o branco é o maior beneficiado dentro desse sistema que, não por acaso, foi criado por ele mesmo. Assim, as identidades que não constituem o ‘padrão’ criado a partir do modelo europeu são colocadas à margem.

A identidade negra é inferiorizada por meio do olhar do Outro e essa outremização (SPIVAK, 1987), que está refletida em diversos espaços reais e simbólicos, se materializa também na Literatura ao perpetuar uma imagem negativa do sujeito negro, remetendo-o a posições de inferioridade e a características ruins. Portanto, é fundamental o estudo da Literatura que rompe com o padrão hegemônico branco e com o estereótipo sobre o negro. Dessa forma, analisamos a representação do sujeito negro na obra *O black power de Akin* (2020b), escrito por Kiusam de Oliveira, com ilustração e projeto gráfico de Rodrigo Andrade, partindo da análise do texto e de seis ilustrações, a fim de observar como a narrativa é construída em consonância com as imagens no sentido de exaltar o sujeito negro e sua cultura, indo na contramão dos estereótipos estabelecidos dentro da Literatura ao longo dos anos.

## RECONSTRUINDO UMA NOVA REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NEGRO

A literatura infantil é, muitas vezes, considerada por leigos e mesmo dentro da academia como sendo inferior uma vez que, ao compará-la com o cânone, pode ser entendida erroneamente de baixo cunho estético e literário, fato que, segundo Cademartori (2010), a faz ser considerada uma ‘prima pobre’ dentro da Literatura. Essa concepção está imbuída de pré-julgamentos que não correspondem à real importância dos livros destinados a crianças que, de acordo com Hunt (2005), são diferentes daqueles voltados aos adultos visto que são “escritos para um público diferente, com diferentes habilidades, diferentes necessidades e diferentes modos de leitura [...]”<sup>3</sup> (p.

---

<sup>3</sup> “[...] they are written for a different audience, with different skills, different needs, and

3). E, sendo diferente, não significa inferior ou de menor importância, uma vez que tem papel fundamental na formação do leitor.

Uma característica marcante dos livros infantis é a ilustração que pode ser interpretada como um elemento que torna o texto escrito mais lúdico, complementando-o, como também pode compor uma narrativa própria, ou seja, sua construção não está necessariamente relacionada às palavras. Segundo Hunt (2015), “os livros-ilustrados podem cruzar o limite entre os mundos verbal e pré-verbal; podem ser aliados da criança leitora” (s/p). Assim, a ilustração amplia o horizonte do leitor e possibilita um outro modo de leitura partindo do texto visual. A importância das imagens nos livros infantis, além de seu caráter pedagógico, está relacionada também à formação cultural do leitor, ou seja,

Não se pode ignorar, no entanto, que a percepção da imagem, além do vínculo com a maturidade do indivíduo, também está ligada ao universo cultural ao qual ele está inserido. O olhar se constrói a partir da motivação, ou seja, do que a cultura em que vivemos olha o mundo, de como ela efetiva esse olhar; em última análise, de que modo o universo cultural educa esse olhar. (GREGORIN FILHO, 2009, s/p).

Portanto, ao analisarmos as ilustrações, faz-se necessário observarmos de que forma elas contribuem no processo de formação social e subjetiva da criança, uma vez que ela pode limitar a visão de mundo do leitor, a depender de como é apresentada, ao priorizar um olhar hegemônico sobre determinado assunto.

Considerando a representação do negro nos livros infantis, Gouvêa (2005), em uma pesquisa sobre a presença do sujeito negro na literatura infantil das primeiras décadas do século XX, afirma que ela se constitui desde a ausência do negro até sua mitificação. De acordo com a autora, entre os anos de 1900 a 1920, o negro era quase ausente dentro das obras infantis ou “referido ocasionalmente como parte da cena doméstica. Era personagem mudo, desprovido de uma caracterização que fosse além da referência racial” (GOUVÊA, 2005, p. 83). O estereótipo do negro ou negra velhos também era recorrente, e esses funcionavam nas narrativas como “agentes socializadores das crianças brancas, numa posição de servidão que revela a continuidade com o modelo escravocrata” (GOUVÊA, 2005, p. 84). Essa caracterização relaciona o sujeito negro ao primitivo e à ingenuidade, sendo uma representação errônea e carregada de preconceito. A animalização também

---

different ways of reading [...]”.

era muito presente nas narrativas infantis como forma de reforçar a inferioridade que se acreditava ser inerente ao negro, uma vez que “ao animalizar os personagens negros, os autores reproduziam uma representação que associava tal inferioridade a uma menor capacidade cognitiva” (GOUVÊA, 2005, p. 88).

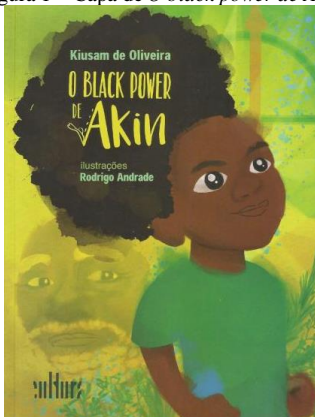
Nesse sentido, o espaço ocupado pelo negro nos livros infantis esteve, por muito tempo, relacionado à marginalização, enquanto o branco ocupou a posição de protagonismo. Segundo Myers (2014, online, s/p), “Livros transmitem valores. Eles exploram nossa humanidade compartilhada. Qual a mensagem quando alguma criança não é representada nesses livros?”. Vemos então que é fundamental que crianças negras se vejam representadas nos livros infantis, não por características estereotipadas, mas com sua beleza e valores exaltados.

É a partir dessa perspectiva de exaltação da beleza negra que Kiusam de Oliveira produz sua literatura, considerada por ela como uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento. A autora, que é pedagoga, mestre em psicologia e doutora em educação, tem seus livros voltados para as questões étnico-raciais, que proporcionam aos leitores uma identificação com sua aparência e suas origens.

Sua produção é composta por títulos como *Omo-oba: histórias de princesas*, selecionado para fazer parte do acervo do Plano Nacional da Biblioteca Escolar, em 2011; *O mundo no black power de Tayó* (2013), que recebeu o Prêmio ProAC/2012 – Cultura Negra, foi selecionado para o Acervo Básico da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, em 2014 e está entre os livros mais importantes na ONU em Direitos Humanos; *O mar que banha a ilha de Goré* (2014), que recebeu o Prêmio Escritores Negros da Biblioteca Nacional e da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, em 2014; *O black power de Akin* (2020b), que foi traduzido para o inglês com o título *Akin's Afro* (2021); *Com qual penteado eu vou* (2021); *Soufejos de Fayola* (2021) e *Tayó em quadrinhos* (2021).

Ao analisarmos a obra *O black power de Akin* (2020b), somos colocados diante da não identificação do menino com seu cabelo. Vivendo na cidade de Noar com seu avô, Seu Dito Pereira, e seus irmãos, Femi e Kayin, Akin é amado e protegido dentro do ambiente familiar, porém, isso se modifica quando vai à escola, uma vez que se depara com o preconceito de seus colegas brancos.

Figura 1 – Capa de *O black power de Akin*



Fonte: OLIVEIRA, 2020b.

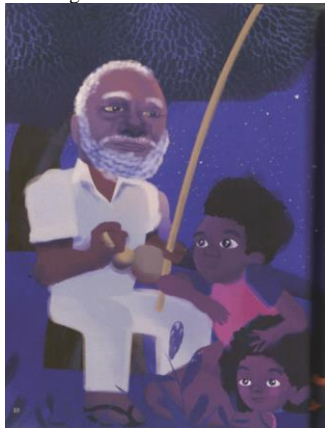
Os elementos paratextuais cumprem uma função fundamental na estruturação dos livros, sobretudo ao considerarmos as obras voltadas ao público infantil. Para Nikolajeva e Scott (2011), “a narrativa pode começar na capa, e passar da última página, chegando até a quarta capa” (p. 307). Assim, analisamos que a capa do livro apresenta alguns elementos significativos que reforçam a temática apresentada ao longo da narrativa como, por exemplo, a ilustração escolhida. Akin está no primeiro plano em posição lateral, evidenciando seu *black power* poderoso. Além disso, sua expressão é plena e transpassa tranquilidade e felicidade. O avô, que se mostra fundamental no processo identitário da personagem ao longo da narrativa, também compõe a capa, fato que corrobora a importância dessa personagem no enredo.

Outro aspecto importante para essa análise diz respeito ao título da obra e como ele é evidenciado. Segundo Nikolajeva e Scott (2011), “A prática de ter o nome do protagonista no título é, pelo menos na literatura infantil, um dispositivo narrativo didático, dando ao leitor jovem algumas informações diretas e honestas sobre o conteúdo do livro, seu gênero [...] e seu público [...]” (p. 309). Portanto, o título *O black power de Akin* descreve a temática principal abordada na obra, constituindo um título narrativo, ou seja, que “de algum modo resume a essência da história” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 310). Além disso, o título posicionado sobre o cabelo de Akin é um vetor para que o *black power* seja evidenciado, fazendo com que o leitor, ao olhar o nome da obra, seja, conseqüentemente, levado a observar o cabelo da personagem. As letras garrafais em amarelo também contribuem para o destaque do título e para o *black power*, e a cor verde que é predominante na capa, estando relacionada ao crescimento e à renovação, evidencia o processo de construção identitária da personagem.

Ao analisarmos a obra, observamos que no início da narrativa o avô de Akin é apresentado com uma descrição carregada de adjetivos positivos, como observado no excerto: “Sentado num toco de árvore, Seu Dito Pereira, com seu berimbau, canta uma linda ladainha. Ele, um senhor altivo, com os olhos vivos e o olhar penetrante aos 78 anos, é o responsável pelos seus três netos: Femi, caçula de 4 anos, Kayin de 6 e Akin de 12” (OLIVEIRA, 2020b, p. 8). Essa descrição reforça características positivas do ancião, revelando sua importância dentro da construção familiar e humanizando-o, diferentemente do estereótipo do preto velho, cuja função era enfatizar uma posição inferiorizada dos mais velhos dentro de um sistema branco opressor.

De acordo com Gouvêa (2005), “a cultura e a tradição negras eram compreendidas como manifestação de uma cultura inferior, pré-científica, corporificada nos pretos e pretas velhas, os assim chamados feiticeiros” (p. 87). Diferentemente dessa concepção, em *O black power de Akin* (2020b), observamos a importância que o avô tem na narrativa, com sua função de educar e cuidar dos netos e transmitir a eles seus valores e sua cultura. Ao analisarmos a ilustração que apresenta o avô, podemos observar diversos significados que reforçam uma representação positiva do homem.

Figura 2 – Seu Dito Pereira



Fonte: OLIVEIRA, 2020b, p. 10.

Seu Dito Pereira está no canto esquerdo, com seu berimbau, e Akin está apoiado em sua perna com um olhar de admiração para o avô. A forma como as personagens estão dispostas na imagem traduz o acolhimento e o respeito presente na família. O berimbau é analisado como um dos elementos que corrobora a mensagem positiva que a obra busca transmitir, uma vez que

esse instrumento tem sua origem em África, especificamente na Angola, e veio para o Brasil com os escravizados e pode ser compreendido no livro como uma forma de resgate do passado e de valorização da cultura.

O texto que segue a imagem reforça a relevância do momento em família, como destacado:

Seus netos esperam o dia todo por esse momento de intimidade, em que o avô toca exclusivamente para eles, sob as luzes da lua e das estrelas [...]. Sentado no chão, admirando o avô, está Akin, o neto mais velho, que pensa saber tocar berimbau como Seu Dito. [...] Akin continua a olhar com admiração para o avô. O encantamento no olhar revela todo seu amor. E assim, leve, a noite vai... E o dia vem. (OLIVEIRA, 2020b, p. 11).

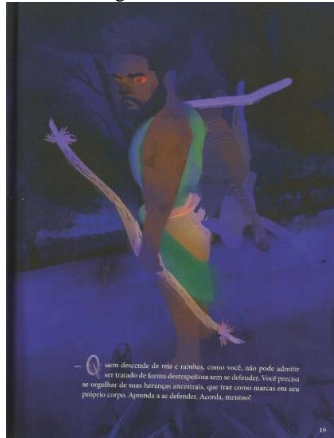
O texto verbal e o visual demonstram o afeto presente na família de Akin. O avô é descrito, desde o início da narrativa, como fundamental na vida de seus netos, fato que desmistifica a construção tão enfatizada de inferioridade do sujeito negro mais velho. Em oposição a isso, Seu Dito Pereira tem muito a ensinar para Akin e é o responsável pelo resgate da identificação do neto ao final da narrativa. Na ilustração analisada (Figura 2), Seu Dito Pereira pode ser visto como um homem simples, calçando chinelos, usando roupas despojadas e de barba branca, mas se aliarmos a ilustração ao texto verbal, observamos que a imagem sugere que, mesmo sendo um sujeito humilde, o avô tem muito a ensinar. Essa perspectiva rompe com a ideia do negro associado à ignorância e alheio ao desenvolvimento/progresso do país enquanto sujeito pensante (GOUVÊA, 2005).

O menino recebe apoio e amor dentro de casa, porém, isso muda quando vai à escola, uma vez que é inferiorizado por seu cabelo *black power* e por sua cor. Enquanto brinca, Akin ouve de seus colegas: “– Peguei! Peguei o Pelé” (OLIVEIRA, 2020b, p. 14); e “– Achei! Achei o ‘Buiú’” (OLIVEIRA, 2020b, p. 15). Em outro momento, quando demonstra sua vontade em ser o policial em uma brincadeira os colegas afirmam: “– Polícia? Onde já se viu alguém de sua cor brincar de ser polícia? Não, nós vamos ser a polícia e você será o ladrão, que vai roubar as galinhas de Seu Dito Pereira” (OLIVEIRA, 2020, p. 16). Esses exemplos reforçam o estereótipo sobre o sujeito negro, colocando-o em posições de subalternidade e associado à criminalidade.

O cabelo de Akin também é inferiorizado, sendo caracterizado pelos outros meninos como sendo “duro e torcido” (OLIVEIRA, 2020b, p. 20), fato que faz a personagem querer mudar sua aparência, seja com o uso de boné para esconder seus fios e até mesmo em um movimento drástico de cortá-lo. Assim, não se identificando com seu cabelo e sendo ridicularizado

na escola, Akin chega em sua casa cansado da situação vivida e, ao dormir, sonha com um caçador que o incentiva a se orgulhar de sua aparência, como observado: “– Quem descende de reis e rainhas, como você, não pode admitir ser tratado de forma desrespeitosa sem se defender. Você precisa se orgulhar de suas heranças ancestrais, que traz como marcas em seu próprio corpo. Aprenda a se defender. Acorda, menino!” (OLIVEIRA, 2020b, p. 19).

Figura 3 – Oxóssi



Fonte: OLIVEIRA, 2020b, p. 19.

A ilustração que acompanha o texto verbal representa Oxóssi, orixá que está relacionado à abundância, à fartura e ao alimento (OLIVEIRA, 2008). É muito significativo sua representação em um livro infantil pois ele está ligado à religião de matriz africana que pode ser julgada dentro da sociedade cristã como uma religião pagã, visto que, no Brasil com a colonização e o tráfico de escravizados, o cristianismo foi imposto pelos europeus aos não-brancos como a única forma de crença e salvação. Assim, as religiões que não seguiam a doutrina ocidental eram marginalizadas.

Observamos que Oxóssi, no sonho de Akin, é descrito com grandiosidade, como destacado no trecho: “Era alto e forte, um caçador. Em uma das mãos, arco e flecha; no ombro, carregava um coelho e um tatu mortos, enfiados em um pedaço de galho. Seus olhos avermelhados contrastavam com sua pele escura e brilhante” (OLIVEIRA, 2020b, p. 18). Sua representação também se presentifica de maneira muito significativa na ilustração (Figura 3), uma vez que apresenta os elementos citados no texto verbal, como o arco, a flecha e os animais que carrega. Além disso, as cores utilizadas como o verde, o amarelo, o azul e o preto, contribuem para a caracterização da cena, uma vez que, podemos inferir que por se tratar de um



sonho os elementos não são muito nítidos, além de ser ambientado em uma mata à noite, fato que contribui para o predomínio das cores azul-escura e preta. O destaque na ilustração (Figura 3) é Oxóssi, com sua roupa verde e amarela que se destaca no fundo escuro. A posição do orixá é outro fator passível de análise uma vez que, estando em pé, sugere também a grandiosidade e imponência das divindades oriundas das religiões de matriz africana.

### Segundo Hunt,

[...] O público-alvo dos livros-ilustrados são por definição inexperientes – precisam aprender como pensar em seu mundo, como ver e entenderem a si mesmos e aos outros. Consequentemente, os livros-ilustrados são um modo significativo pelo qual nós integramos crianças dentro da ideologia de nossa cultura<sup>4</sup>. (HUNT, 2005, p. 131).

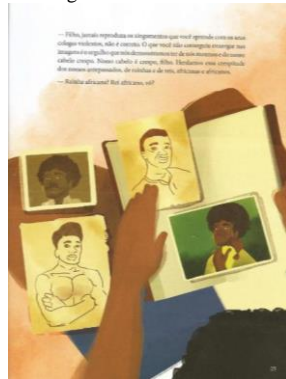
Dessa forma, a representação de Oxóssi, por meio do texto verbal e visual, rompe com um padrão que busca colocar a cultura e religião afro-brasileiras ligadas a elementos negativos e inferiores. De maneira oposta, na obra ele é representado positivamente, fato que permite ao leitor ampliar suas perspectivas e seus modos de compreender o mundo. A ilustração de Oxóssi coligada ao texto que a acompanha na mesma página sugere e reforça ao leitor que a divindade, vista como maléfica pela cultura do colonizador, trata-se de um ser benigno, que motiva o protagonista a se enxergar como sujeito altivo e que deve ter orgulho de suas origens e aparência. O orixá afirma para Akin que ele “precisa se orgulhar de suas heranças ancestrais, que traz como marcas em seu próprio corpo” (OLIVEIRA, 2020b, p. 19), contribuindo, assim, para a aceitação da personagem em relação à sua aparência.

Considerando o papel que o avô desempenha na narrativa, é evidente sua importância como suporte para o neto. Enquanto o menino enfrenta o preconceito na escola, Seu Dito Pereira sempre tem palavras de afeto, como destacado: “– Chega de bestagem, menino! Você precisa dar um jeito nisso e parar de se sentir menos que os outros. Deve se aceitar do jeito que é e se achar muito formoso” (OLIVEIRA, 2020b, p. 22). Após essa tentativa do avô em mostrar para Akin sua beleza, o idoso resgata uma pasta com diversas fotos para que o menino entre em contato com seus antepassados, logo, com sua beleza e seu valor.

---

<sup>4</sup> “[...] the intended audience of picture books is by definition inexperienced – in need of learning how to think about their world, how to see and understand themselves and others. Consequently, picture books are a significant means by which we integrate young children into the ideology of our culture”.

Figura 4 – Ancestralidade



Fonte: OLIVEIRA, 2020b, p. 25.

Essa ilustração (Figura 4) é muito significativa uma vez que retoma o passado de Akin por meio de seus familiares. O menino tem diante de seus olhos algumas fotos que o avô explica serem de sua família, como destacado: “– Filho, abra a pasta que lhe dei e olhe os desenhos e fotos que estão dentro dela. O primeiro desenho é de seu tataravô; o segundo é o seu bisavô; na primeira foto, eu; e na segunda, o seu pai. Agora eu te pergunto: o que todos nós temos em comum?” (OLIVEIRA, 2020b, p. 24).

A ilustração (Figura 4) é carregada de simbologias uma vez que, nesse momento, Akin entra em contato com seus ancestrais e pode se reconhecer por meio deles. Diferentemente do ambiente escolar, no qual os colegas são brancos, com as fotos apresentadas pelo avô ele pode ter uma maior identificação que vai para além da aparência, visto que também representam um valor afetivo por se tratar de seus familiares.

A partir da ilustração, observa-se que a família é crucial dentro da narrativa. Akin, atendendo ao pedido de seu avô, volta seu olhar para as origens, movimento que é representado de forma concreta por meio da pasta de fotos, mas também remete a um resgate simbólico, uma vez que ao olhar para seus semelhantes Akin também volta seu olhar para si. Além disso, fica evidente a exaltação da beleza negra representada no texto verbal e visual, dado que Akin pode compreender que sua aparência é bela assim como a dos outros homens da família.

Outro elemento que reitera a representação positiva do sujeito negro em *O black power de Akin* (2020b) é a referência, por meio do texto verbal, a reis e rainhas africanos, como destacado:

– Filho, jamais reproduza os xingamentos que você aprende

com seus colegas violentos, não é correto. O que você não conseguiu enxergar nas imagens é o orgulho que nós demonstramos ter de nós mesmos e no nosso cabelo crespo. Nosso cabelo é crespo, filho herdamos essa crespitude dos nossos antepassados, de reis e rainhas, africanas e africanos. (OLIVEIRA, 2020b, p. 25).

A aproximação do menino a reis e rainhas africanos é muito simbólica uma vez que se trata de uma parte da história deixada propositalmente de lado. Ao olharmos para o passado do sujeito negro, faz-se uma ligação com o período de sofrimento da escravidão e marginalização, porém, é importante destacarmos que a história em África não se limita apenas a esse passado. Fazendo menção à escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2009), o perigo de uma história única é justamente levar em consideração a narrativa dos ‘vencedores’, invisibilizando outras histórias. Portanto, a retomada da narrativa sobre um passado relacionado à nobreza reforça a importância da obra na construção de uma literatura que busca romper estereótipos e exaltar a beleza e a cultura negras.

Ao final do texto, há o encantamento da personagem por seu cabelo, sendo realizada sua identificação. O avô prepara um creme hidratante para tornar o cabelo do menino “mais encantado do que já é” (OLIVEIRA, 2020b, p. 26). Assim,

Seu Dito Pereira pegou o garfo das mãos de Akin e começou a pentear os cabelos crespos do neto. Os fios, envolvidos naquele hidratante, deslizavam brilhantes como fios de seda fabricados na hora pelo próprio bichinho. O avô não poupou os fios nem tampouco o garfo, armou o mais que pôde os cabelos do neto. Seu Dito Pereira fez o maior *black power* do mundo! (OLIVEIRA, 2020b, p. 27).

Figura 5 – O príncipe Akin



Fonte: OLIVEIRA, 2020b, p. 29.

A ilustração se refere ao momento em que Akin se identifica com seu cabelo. Após seu sonho com Oxóssi e os cuidados de seu avô, o menino assume seu *black power* com muito orgulho como destacado no trecho:

Quando Akin se olhou, viu um príncipe africano admirando uma presa de elefante encontrada no chão. Ele piscou os olhos chacoalhando a cabeça e, ao abri-los novamente, se viu um príncipe rodeado por crianças na volta de uma das muitas caçadas vividas e com o nobre marfim nas mãos. Piscou de novo, chacoalhou a cabeça e, ao abrir os olhos, se viu como ele próprio: um belo menino negro, com um penteado símbolo de glória e poder. Encantado com a visão, sorri. (OLIVEIRA, 2020b, p. 29).

A exaltação da beleza de Akin fica explícita tanto no texto verbal, ao se utilizar de palavras como ‘belo menino negro, ‘glória e poder’ e ‘encantado’, como também no texto visual (Figura 5) que evidencia a personagem em primeiro plano, utilizando-se de cores fortes como o laranja e o verde. A roupa de Akin se assemelha à utilizada pela orixá (Figura 3), aproximando a personagem dessa divindade. Essas proximidades demonstram a relação do menino com seus antepassados, fato também marcado pelo discurso do avô em determinado momento da narrativa quando Akin pergunta sobre o caçador em seu sonho, como destacado no trecho:

- Vô, esse caçador! Quem ele é? É o que estava no meu sonho!
- Kkkkkkkk. Ah, é? Ele visita muito os meus também, desde que eu era criança. Ele é um dos nossos parentes mais antigos.

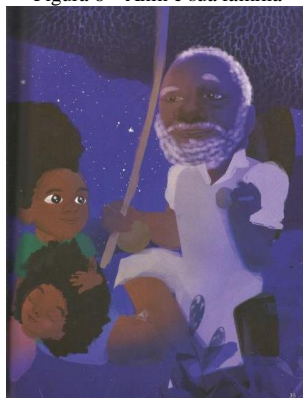
Descendemos de uma linhagem ancestral de caçadores. Ele mesmo me contou num sonho. E eu o desenhei. (OLIVEIRA, 2020b, p. 26).

Assim, fica evidente, por meio da ilustração (Figura 5) e do texto verbal, o elo estabelecido entre a personagem e seus antepassados após o processo de encantamento, tornando-se visível o empoderamento do menino em relação ao seu *black power* e sua aceitação diante de sua aparência. Além disso, o pente garfo na mão de Akin é outro elemento que pode ser analisado na ilustração (Figura 5) como um símbolo significativo para a identidade negra que representa a resistência e a luta antirracista.

A aceitação de Akin por seu corpo e seu cabelo ocorre no decorrer da narrativa visto que, a princípio, o menino não se identifica com sua aparência. O encantamento do menino está muito relacionado ao resgate de sua ancestralidade, sobretudo por meio de seu avô e, a partir desses movimentos, Akin compreende sua beleza e sente orgulho dela. Após Seu Dito Pereira cuidar do cabelo do neto e mostrar imagens de seus familiares, o menino assume seu *black power* e, atendendo ao pedido do avô, vão à escola mostrar aos colegas a força de seus fios: “Seu Dito mostra seu álbum, vira suas páginas e todos sorriem, abismados e felizes. No final, mostrou a foto dele com cabelo crespo, num *black power* bem armado, e disse: – Então, isso foi o que vim contar para vocês: a riqueza da história do meu povo negro e africano e o orgulho que temos dos nossos fios crespos [...]” (OLIVEIRA, 2020b, p. 30). O ato de levar para o ambiente escolar uma representação positiva sobre os sujeitos negros, com as imagens e o relato de Seu Dito Pereira, é muito significativo para a afirmação da identidade negra, já que os sujeitos brancos são favorecidos dentro dos ambientes sociais e considerados como a norma. Quem é diferente desse padrão é inferiorizado e subjugado dentro de um sistema hegemônico branco e, segundo Fanon (2020), “uma criança negra normal, tendo crescido em uma família normal, passará a ser anormal ao menor contato com o mundo branco” (p. 159). Portanto, é fundamental o movimento da família de Akin em levar sua cultura para o espaço escolar como uma forma de desmistificar o estereótipo sobre o negro e afirmar essa identidade em espaços onde predominam o padrão branco.

A última ilustração analisada tem como personagens Seu Dito Pereira, Akin e seu irmão. Após a visita à escola, a família se reúne para ouvir o berimbau do avô que, com um semblante alegre, cultiva essa tradição. A ambientação da cena é semelhante à ilustração do início do livro (Figura 1), fato que reforça a disposição dessa família em manter tradições, além de cultivar o afeto entre seus membros. Akin olha para o avô com admiração e recebe dele um olhar de afeto e cuidado, corroborando a importância do ancião para o desenvolvimento do menino e a afirmação de sua identidade.

Figura 6 – Akin e sua família



Fonte: OLIVEIRA, 2020b, p. 35.

O texto verbal que acompanha a imagem reforça a unidade da família e o amor e respeito de Akin por esses momentos, como destacado:

Akin olha para seus irmãos, aninhados aos pés do avô que canta e toca uma linda ladainha em seu berimbau. O jovem se sente orgulhoso por ter um avô que o ensinou a se amar e pelos dois irmãozinhos, que mostram a ele, no dia a dia, nos gestos mais simples, como valorizar o que a gente é e a importância de sorrir.

O amor... somente o amor é capaz de trazer luz aos nossos olhos.

No olhar de Akin, Noar agora brilha! (OLIVEIRA, 2020b, p. 34).

O texto e a ilustração se complementam e reforçam uma mensagem de afeto, contribuindo para que leitores possam se identificar com Akin e sua família. A imagem (Figura 6) encerra a obra de forma sensível, reforçando os elos estabelecidos entre essas personagens. A própria disposição da imagem, ou seja, o avô sentado em um banco e as crianças no chão, revela a hierarquia respeitada nessa família, não de forma impositiva, mas respeitosa e que contribui para a formação identitária dos mais novos, uma vez que veem no avô um exemplo a ser seguido.

Portanto, a obra, ao abordar o tema do racismo, do empoderamento e da representatividade, por meio do texto verbal e não-verbal, reverbera a luta dos povos negros por seu reconhecimento como sujeitos e não apenas

estereótipos de um povo escravizado. A criança negra quando entra em contato com obras como *O black power de Akin* pode se sentir representada e prestigiada, fazendo com que aceite e valorize sua aparência. A criança branca, ao ler a obra, compreende a necessidade de respeitar as diferenças e valorizar o outro, despojando-se de preconceitos.

## CONCLUSÃO

Gouvêa (2005) afirma que a representação do negro na literatura infantil se constituía de tal forma que se embranquecia o leitor. Segundo ela,

O leitor que os textos produziam era marcado pela identificação com a cultura e estética brancas, ao mesmo tempo que desqualificador da cultura e estética negra. Negro ou branco, os textos acabavam por embranquecer o leitor, ao reiteradamente representar a raça branca como superior. (GOUVÊA, 2005, p. 90).

Em oposição a isso, analisamos por meio das ilustrações e do texto verbal, que a obra *O black power de Akin* (2020b) tem um importante significado dentro da literatura infantil uma vez que aborda temas de extrema relevância para a formação do leitor enquanto indivíduo. Apresentando temas importantes de forma acessível para seus leitores, a narrativa vai na contramão do estereótipo sobre o sujeito negro e sua cultura, rompendo com padrões cristalizados na sociedade e na Literatura e afirmando uma identidade negra que se mostra bela, poderosa e afetiva. Oliveira (2020a), ao considerar sua literatura como sendo uma Literatura Negro-Brasileira do Encantamento, reforça a importância de se exaltar a beleza negra e orgulhar-se dela. Segundo a autora, essa literatura “está ligada às infâncias, às crianças que precisam se encantar pelos próprios corpos negros apesar de se sociabilizarem em contextos violentos e racistas” (OLIVEIRA, 2020a, s/p). Assim, observamos que a obra *O black power de Akin*, apresenta o encantamento da própria personagem que ao olhar seus antepassados e a si mesma com mais afeto passa a se orgulhar de seu cabelo, além de proporcionar a identificação e o encantamento dos leitores, que podem se sentir representados por Akin e sua história. De acordo com Oliveira (2020a) é “característico dessa literatura fornecer referenciais instrumentais e simbólicos para que as crianças negras consigam combater o racismo, fundamentações que só quem é negro pode ser capaz de compartilhar” (s/p). Assim, podemos concluir que essa obra apresenta elementos fundamentais para a construção identitária da criança negra que é exposta tanto no texto

verbal quando no texto visual, reforçando o senso de identidade e valorização do negro.

Considerando as ilustrações analisadas, nas segunda e quarta delas, apresenta-se a importância da família na formação das crianças, bem como o fato de que, apesar da simplicidade, um homem idoso e que poderia ser considerado como ignorante ou ingênuo, como nas narrativas analisadas por Gouvêa (2005) no início do século XX no Brasil, pode oferecer uma infinidade de conhecimentos, principalmente acerca dos antepassados da família e sobre a ancestralidade. Nas terceira e quinta ilustrações, vemos uma semelhança, uma vez que na terceira temos a materialização visual de Oxóssi, uma divindade africana poderosa que incita o protagonista a impor sua subjetividade àqueles que outremizam o garoto e, na quinta, o próprio Akin se apresentando de forma imponente como o orixá, após os ensinamentos do avô e a influência do sonho que teve com Oxóssi. A última ilustração retoma a mensagem da obra que diz respeito ao afeto entre os membros da família de Akin e o respeito mútuo entre eles. Com isso, fica explícito no final da narrativa o papel fundamental da família na construção do indivíduo, sobretudo ao considerarmos a formação da criança negra.

Portanto, reiteramos o papel da literatura infantil no resgate e visibilidade de sujeitos negros que, outrora e ainda hoje, são aviltados exclusivamente devido à cor de sua pele. Com a união dos textos verbal e das ilustrações na obra aqui analisada, o leitor criança pode experimentar um novo modo de conceber aqueles que sempre foram considerados inferiorizados.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda N. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Editora Schwarz S.A, 2009.

CADEMARTORI, Ligia. *O que é a Literatura Infantil*. – São Paulo: Editora Brasiliense, 2010.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu, 2020.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. In: *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n.1, p. 77-89, 2005.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. *Literatura Infantil: Múltiplas linguagens*



na formação de leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, T.T. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103 – 133.

HUNT, Peter. *Understanding Children's Literature*. London and New York: Routledge, 2005.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

MYERS, Dean Walter. *Where Are the People of Color in Children's Books?* Disponível em: <https://www.nytimes.com/2014/03/16/opinion/sunday/where-are-the-people-of-color-in-childrens-books.html>. Acesso em: 5, maio, 2022.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

OLIVEIRA, Kiusam de. Literatura Negra Brasileira do Encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. *Feira Literária Brasil – África de Vitória*, Vitória, v. 1, n. 3, s/p, 2020a.

OLIVEIRA, Kiusam de. *O black power de Akin*. São Paulo: Editora de Cultura, 2020b.

OLIVEIRA, Kiusam de. *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. 2008. 213. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: RAY, Sangeeta. *In Other Worlds*. New York: Methuen, 1987, p. 215-219.

Data de recebimento: 10 jul. 2022

Data de aprovação: 10 set. 2022